18/02 – Faltei Teórica

22/02 – Encontro com Adriana Rios  
[GRUPO OKONTÔ] – ONDE ESTOU? QUAL MINHA CORPOREIDADE?

Domínio de sala, quem está quieto e comportado, o professor que consegue silenciar todos. Crianças fazendo tudo ao mesmo tempo se não deu certo a atividade. Se movimentar na sala para não levantar a voz, respeitando os tempos das crianças. Professor das infâncias, aprender a lidar com essa outra corporeidade, a outra presença. RIGIDEZ E FIXAÇÃO NO CONTROLE E ORDEM. CORPO DOCENTE – ESTAR ATENTO AO PROCESSO DE RESISTÊNCIA DA RIGIDEZ ELE ADOECE – CUIDADE COM O CORPO DE TRABALHO. ARTE – CONVITE DE AUTOCUIDADO.

Além do autocuidado amoroso e cotidiano, o corpo docente também tem que se poetizar para trabalha com as infâncias ele tem que estar carregado de arte. Poetizar o cotidiano, condições materiais concretas e adversidade é sempre uma possibilidade, um devir de poesia a partir do corpo que sente. Convite amoroso para sentir o corpo e se encharcar de amor pelas infâncias. A poética do cotidiano. Poetizar o sofrimento, sofre e goza, alegre e se entristece – transformar em arte.

Encantamentos – olhar poéticos para as coincidências.

**Apresentação da Escola Municipal Waldir Correa feita pela pedagoga:**

Assembleias e Participação Estudantil:

A escola realiza assembleias para debater pautas importantes, onde todos os alunos podem participar. As pautas são escritas pelas crianças e discutidas em miniassembleias antes de serem levadas para votação na quadra. As decisões são registradas em ata, promovendo a participação democrática.

Miniassembleias: Realizadas em sala de aula para discutir temas sugeridos pelos alunos. A participação é incentivada, e todos têm a oportunidade de se pronunciar.

Votação: Após as discussões, as decisões são votadas por todos os presentes.

Avaliação e Currículo:

A avaliação na escola é contínua e não utiliza provas tradicionais. A autoavaliação e rubricas são ferramentas utilizadas para refletir sobre o aprendizado.

Currículos: A escola possui dois currículos: o comum e o diversificado, que são integrados nas aulas e oficinas. As oficinas incluem dança, xadrez, filosofia, teatro, artes, educação física e cultura digital.

Espaços e Atividades:

A escola é descrita como colorida e agradável, apesar de estar passando por reformas. As atividades são realizadas em diversos espaços da escola, promovendo um ambiente de aprendizado dinâmico.

Tutoria: As tutorias são momentos em que a escola para que os alunos possam interagir com seus tutores, escolhidos por eles. Essas sessões são realizadas quinzenal ou mensalmente e promovem conversas íntimas e atividades específicas.

Projeto de Vida: Trabalha valores como empatia, credibilidade e protagonismo, além de abordar temas como bullying e emoções.

Participação da Comunidade:

A escola tem uma forte presença da comunidade, com um grupo de pais (GT) que participa ativamente nas atividades escolares. Os pais ajudam em eventos e na manutenção da escola.

Inclusão:

A escola acolhe crianças com deficiência e imigrantes, promovendo a inclusão de forma prática. A equipe busca parcerias e não espera que os problemas sejam resolvidos por outros.

Formação e Desenvolvimento Profissional

\* A equipe docente participa de formações contínuas e busca especialização nas áreas necessárias para atender as demandas da escola. A tutoria para funcionários também é promovida, com foco em formação e apoio.

\* Programas de Pesquisa

\* A escola participa de programas como a Escola 2030, que incentiva a pesquisa e a reflexão sobre práticas pedagógicas, influenciando políticas públicas.

As dependências da escola foram apresentadas por um grupo de alunos do 4º e 5º ano para reforçar que a escola valoriza o protagonismo dos alunos.

**Minhas impressões dentro da sala de aula:**

Embora, tenha sido apresentada uma escola diferenciada, dentro da sala de aula era diferente. A professora parecia entediada. Apenas lia as atividades do livro e pontualmente escrevia algo na lousa.

Observei a dificuldade da professora em lidar com uma criança neuro atípica. Essa criança em questão falava bastante e puxa assunto com outras crianças, a professora constantemente grita pedindo silêncio ameaça a chamar uma pessoa com o nome de Márcia, quando a criança ouvia a ameaça, ela parava por um breve momento. Porém, em um certo momento a ameaça não fez mais efeito e a tal de Márcia entrou na sala e então descobri que se tratava da pedagoga da escola. Ela gritava com a criança pedindo respeito e o segurava com força, até que ela retirou a criança da sala. Me perguntei qual o sentido daquilo? Porque tanta fixação em ordem, silêncio e obediência? Logo naquela escola que prega a desobediência dos currículos tradicionais para proporcionar a tal aprendizagem da autonomia...  
Em outro momento, presenciei uma aula de filosofia ministrada por um outro professor. Ele cobrava que os alunos que têm entre 7 e 8 anos dessem conta do caderno da disciplina dele. Algumas crianças não levaram, pois, a escola está passando por um momento de reforma e as coisas estão um pouco fora da rotina. Então, aquelas crianças que não levaram o caderno ficaram aflitas, sem que o professor demonstrasse o mínimo de empatia por eles. Um adulto querendo que crianças se comportem como adultos...  
Eu ajudei as crianças e disse que elas podiam pegar o caderno de outra disciplina para acompanhar a atividade.

O conteúdo da aula se tratava de dons, o professor fez uma analogia com uma arvore e que seus frutos seriam os dons. Acredito que essa analogia não funcionou muito bem, talvez até o momento as crianças não entendam o que são dons.

Acredito que o professor percebeu o meu descontentamento e veio se justificar, pois soube que eu era estagiária. Ele disse assim: que não sabe lidar com crianças, que não se identifica com o trabalho e que hoje em dia as pessoas inventam desculpa de doenças para que as crianças possam fazer o que quiserem sem repreensão.

Fiquei em choque, infelizmente não consegui rebater tal absurdo. Só conseguia pensar em como pode existir pessoas tão insensíveis...

Mas, também tive bons momentos na sala de aula. Em um dia houve uma reunião e fiquei sozinha com a turma por um breve momento. Incrivelmente não fiquei nervosa. Percebia que o ócio não tem espaço para aquelas criaturas recém-chegadas no mundo. Logo que a professora saiu, vieram me perguntar qual atividade faríamos, eu disse que não faríamos nada e nesse momento pude ver a cara de choque de algumas crianças. E então logo uma delas pedi-me um papel para desenhar, e eu que tinha um bloco de notas, dei um papel em branco e quando percebi, todos eles queriam papel seja para fazer dobraduras ou desenhos. Passamos a manhã desenhando e fazendo barquinhos de papel, sem maiores problemas ou conflitos.

Nesse dia, ganhei a minha primeira cartinha. Uma aluna desenhou eu e ela com um coração. Fiquei bem emocionada e comecei a ter certeza de que estou caminhando em um caminho bom. Guardarei essa cartinha para sempre com muito carinho.

04/03 - Carnaval

11/03 – Segundo dia creche

15/03 – Oficina de alfabetização

18/03 – Faltei Prática

25/03 – Faltei Prática

01/04 – Faltei Prática

01/04 – Aula com mestranda

**Prévia do Caderno de Campo – Estágio II**

Este caderno de campo está sendo gerado na experiência, entre encontros, escutas e afetos vividos com uma turma do 2º ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal de Manaus. Ele surge como tentativa de registrar não apenas o que se vê, mas sobretudo o que se sente. Como afirma Larrosa (2002), experiência é aquilo que nos atravessa e nos transforma. E é com esse espírito que escrevo: permitindo-me ser afetada.

Logo no início do estágio, em um encontro com Adriana Rios, fomos provocados a pensar: onde estou? e qual é a minha corporeidade. Essas perguntas seguem reverberando em mim enquanto caminho pela escola, observando os corpos em movimento: dos alunos, professores e o meu próprio. O convite feito à escuta do corpo e à poética do cotidiano me leva a enxergar o trabalho docente para além da rigidez, do controle e da fixação pela ordem. Escutar o corpo é também um gesto de cuidado e resistência frente às lógicas que nos robotizam. Aprender a trabalhar com as infâncias exige sensibilidade, escuta e presença. Com o outro e conosco.

A escola onde ocorre o estágio se apresenta como uma instituição com propostas democráticas e inclusivas: realiza assembleias com participação ativa dos alunos, valoriza a escuta, promove oficinas diversas e investe em um projeto de vida que trabalha com valores como empatia e protagonismo. A escola também se abre à comunidade e aposta em tutorias e formação contínua dos profissionais.

Contudo, ao adentrar a sala de aula, percebi contrastes entre o discurso institucional e algumas práticas cotidianas. Observei um ensino mecânico, distanciado das propostas da escola, e uma relação difícil entre a professora e uma criança neuroatípica, que era silenciada por gritos e ameaças. Em um momento, a pedagoga foi chamada para intervir, segurando e retirando a criança da sala com rigidez. Senti tristeza e inquietação: por que tanta fixação em silêncio e obediência?

Essa inquietação me levou a lembrar das reflexões de Foucault (1987), que nos alerta sobre como a escola pode funcionar como um espaço de vigilância e domesticação dos corpos, onde a disciplina se impõe em nome da ordem. Vi essa lógica presente nos gritos, no controle, na tentativa de apagar a singularidade daquela criança. Me pergunto: estamos formando ou apenas normalizando?

Em outra aula, de filosofia, o professor mostrou pouco acolhimento frente à ausência de cadernos, cobrando posturas que parecem desconsiderar o contexto das crianças. Acredito que ele tenha percebido minhas expressões de incômodo e então ele se justificou dizendo que não sabia lidar com crianças e que hoje usam a desculpa de doenças para serem permissivos com elas. Não consegui reagir naquele momento, mas sigo refletindo. Como nos lembra Larrosa (2002), a formação não é sobre reproduzir discursos, mas sobre deixar-se afetar, ser tocado por aquilo que nos desafia. E fui tocada.

Apesar dessas experiências desagradáveis, também vivi momentos doces. Em um dia de reunião, fiquei sozinha com a turma. As crianças me perguntaram o que faríamos e eu disse que NADA. Um silêncio de surpresa surgiu, aqueles pequenos corpos não possuem espaço para o ócio. Logo vieram os pedidos de papel para desenhar e fazer dobraduras. Fizemos barquinhos, rabiscos e corações. Ali não havia controle, mas presença.

Ganhei minha primeira cartinha. Nela, uma aluna me desenhou ao lado dela, com um coração no meio. Guardei com carinho. Como nos diz Manoel de Barros, é no desimportante que mora a poesia. Aquilo que parecia ser só um intervalo virou um encontro potente. Os barquinhos de papel navegaram por entre afetos, e a cartinha me lembrou que a docência também é feita desses gestos pequenos, mas cheios de sentido.

Esse gesto simples me devolveu a certeza de que estou trilhando um bom caminho. Este caderno será a tentativa de poetizar essas vivências tensas, mas também ternas e de escrever uma formação que se faz com o corpo inteiro, em movimento, aberta ao toque da infância. Como afirma Adriana Rios, é preciso permitir-se ser corpo sensível na escola. E eu, hoje, escolho caminhar com as crianças e com a poesia, mesmo quando o mundo grita por controle.